



**Vozes mulheres: *A Violeta* e a imprensa feminina mato-grossense**

**Women's voices: Violeta and the Mato Grosso women's press**

Tayza Codina de Souza Medeiros Guedes<sup>1</sup>

Dagoberto Rosa de Jesus<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo a apresentação da revista *A violeta* (1916-1950) e a análise do gênero crônica. Nessa perspectiva, será abordado o projeto emancipatório das escritoras que construíram um discurso em busca dos direitos das mulheres, em prol da profissionalização e da escolarização, mas mantendo-se dentro de uma perspectiva tradicionalista de mãe-esposa. Dessa forma, a revisitação da revista possibilita a compreensão da produção de autoria feminina e o fortalecimento da literatura mato-grossense.

**Palavras-chave:** Literatura Mato-grossense; Imprensa Feminina; Crônicas.

**Abstract:** The present article aims to present the magazine *A violeta* (1916-1950) and the analysis of the chronicle genre. In this perspective, the emancipatory project of female writers who built a discourse in search of women's rights, in favor of professionalization and schooling, but keeping within a traditionalist mother-wife perspective, will be approached. Thus, the revisiting of the journal enables the understanding of the production of female authorship and the strengthening of literature from Mato Grosso.

**Keywords:** Mato Grosso literature; Women's Press; Chronicles.

## **Introdução**

A produção de autoria feminina no Brasil é marcada pela escrita à margem, aquela que necessita transitar por caminhos alternativos de publicação para resistir e sobreviver em um meio que a quer aniquilar. A partir da escolarização da mulher burguesa, esta foi colocada em uma posição de privilégio, que proporcionou a criação de escritos engajados e reflexivos. Sua veiculação, por sua vez, se deteve em meios alternativos de publicação, como os jornais e as revistas, se configurando em espaços de resistência que deu início à imprensa feminina.

São nestes “espaços de exceção” que desenvolverá a consciência feminista na mulher burguesa, que detinha a escolarização e artifícios para se manter no meio de produção literária, mas que tendo este lugar de fala, desejava que outras mulheres também pudessem possuir, criando assim uma reflexão contínua sobre a importância do letramento para a mulher como meio de civilizar-se e tomar para si os seus direitos como sujeito.

Nesse ínterim, para compreender a produção de autoria feminina no Brasil é necessário estar atento aos meios de produção que se enveredam à margem, tais como:

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Estudos Literários na Universidade Estadual do Mato Grosso (UNEMAT-Tangará da Serra). Docente no Instituto Federal do Mato Grosso – Primavera do Leste.

<sup>2</sup> Doutorando em Estudos Literários na Universidade Estadual de Mato Grosso (UNEMAT-Tangará da Serra). Docente no Instituto Federal do Mato Grosso – Primavera do Leste.

jornais, revistas, periódicos, crônicas, contos e escritos militantes. Afinal, a literatura de autoria feminina tanto no Brasil como no exterior até pouco tempo não existia no cânone tradicional. E será no jornal que as mulheres encontrarão um meio de produzir literatura, porém essa permanecerá continuamente silenciada pelo cânone e ficará no esquecimento até que haja uma revisitação das obras que estão à margem.

A imprensa feminina no Brasil (MUZART, 2003) iniciou-se em 1833 com o jornal “*Belona Irada contra os Sectários de Momo*”, tendo como diretora Maria Josefa, uma poetisa e feminista. Entretanto, o título que inaugura o espaço do jornal como sendo dominado pelo gênero feminino seria lançado em 1852, o “*Jornal das senhoras*”. Na primeira edição, Juana Paula Manso de Noronha escreve: “Ora pois, uma Senhora à testa da redação de um jornal! que bicho de sete cabeças será?” (MUZART, 2003).

As duas redatoras que abriram o caminho para a publicação de autoria feminina nos jornais já sabiam o que encontrariam pela frente: um terreno infértil para a mulher que escreve, que precisa além do acesso à escolarização, um espaço que seja empático com suas lutas e um público que aceite o seu discurso. Tal como afirma WOOLF (1990), ela precisa de dinheiro e “um teto todo seu”. A saída dessas mulheres para ter a voz ouvida e a liberdade de criar seu próprio discurso foi construir o seu espaço de publicação.

No cenário mato-grossense, em 10 de outubro de 1897, foi lançado o 1º jornal dirigido e redigido por mulheres, “*O Jasmim*”, que tinha como editora chefe a Leonor Galvão. Ele sofreu fortes críticas da imprensa masculina na época, que o via como uma ameaça à moral e ao bom senso. Galvão trazia em seu periódico um teor político e questionador que estremeceu a imprensa causando censura e o fim da publicação.

Em 16 de dezembro 1916, dezenove anos depois, surge a revista “*A violeta*”, que permanecerá até 31 de março de 1950 com publicações que transitaram entre bimensais, mensais e quinzenais em Cuiabá, circulando também por cidades no interior do Estado e algumas localidades do país, resistindo 34 anos na imprensa cuiabana e totalizando 347 números.

O periódico formado por um grupo de leitoras/escritoras que nasce no início do século XX, anterior a Semana de Arte Moderna, no sertão do país, sem uma logística efetiva entre os estados, se destaca pela permanência e resistência. Aquelas mulheres sabiam que para ter voz em meio a uma imprensa dominada pelos homens era necessário conquistar e criar o seu espaço e que sua sobrevivência estava ligada a forma como apresentariam o seu discurso ao público. E foi assim que *A violeta* conquistou a admiração e respeito dos outros periódicos, ela utilizava um discurso ambivalente, de embate e crítica frente a falta de escolarização e independência das mulheres e ressaltava a importância destas em se manterem como boas mães e esposas.

Mesmo com a notória qualidade da revista literária que se manteve por um longo período na imprensa, ainda hoje não há a devida atenção ao vasto material de pesquisa que ela fornece, sofrendo assim um “esquecimento político” (MUZART, 2003). Na publicação de número 63, em 15 de janeiro de 1920, a redação da revista “*A violeta*” cita o jornal “*O Jasmim*” apresentando a sua importância como precursor no estado, cedendo espaço para a publicação de um texto já veiculado no jornal.

Era este o título do primeiro órgão da imprensa feminina em Cuiabá. O seu aparecimento foi em 1897, sob a direção da Sta. Leonor Galvão, que descança hoje em um tumulo talvez de muitos ignorado no Cemiterio da Piedade. Entre sua colaboradoras, muitas, conheço, distintas Senhoras de quem hoje talvez nunca pensássemos que, como nós ou mais que nós, foram destemidas nas lides da Imprensa. (A VIOLETA, 15 de janeiro de 1920, grafia original).

A revista “*A violeta*” foi o 2º periódico feminino brasileiro com o maior tempo de atividade ininterrupta, tendo como diretora Bernardina Maria Elvira Rich, a primeira mulher negra a candidatar-se a uma vaga de professora em um concurso no Mato Grosso em 1888, na época com 16 anos, mesmo tendo uma avaliação positiva, quem pleiteou a vaga foi a candidata concorrente branca e de uma família influente em Cuiabá. Em 1890, assume como 2ª colocada o concurso público e é nomeada ao cargo. Ocupou por 13 anos a direção da revista e teve uma vida de militância contra o racismo, patriarcalismo e em pró dos direitos das mulheres.

Maria Dimpina Lobo Duarte assume a direção da revista após a saída de Bernardina Rich, a cronista sagaz, que assinou a maioria das crônicas durante os 34 anos de existência do periódico, era de uma família da classe média cuiabana e foi a primeira mulher a estudar no Liceu Cuiabano. Funcionária pública estadual dos Correios, foi também, associada à Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, usava o espaço na revista para escrever com o pseudônimo de “Arinapi”, era a favor da escolarização e profissionalização da mulher e do desenvolvimento do estado.

O surgimento da revista está atrelado à associação estudantil Grêmio Literário “Júlia Lopes”, formado por um grupo de normalistas egressas da “Escola Normal do Mato Grosso”, que mantinha com a participação das associadas a frequência de publicação, o público-alvo e o material inédito das edições, que era mantido através do envio de poemas, contos e textos das leitoras-escritoras. Em “*A violeta*” e em outros jornais e revistas da época, as escritoras publicavam através de pseudônimos, eles eram um meio de se protegerem contra as acusações, pois que muitas mulheres que escreviam também frequentavam os eventos sociais e faziam parte da burguesia.

Se no início do século XX, o espaço de publicação da mulher era restrito, ser mulher e mato-grossense destinava-a para uma dupla exclusão, intensificada pelas dificuldades logísticas do estado e do distanciamento do centro cultural do Sudeste.

Dessa forma, acredita-se que a permanência do periódico por 34 anos e com uma frequência linear de publicação e qualidade, tendo em cada nova edição textos inéditos, se deve ao engajamento do Grêmio que criou um espaço alternativo de publicação para dar voz e vez às mulheres e utilizando deste poder discursivo para tornar o jornal um meio didático de formação de leitoras. E nessa conjuntura, o Grêmio Literário “Júlia Lopes” promove o desenvolvimento das sócias de leitoras a escritoras.

Além disso, o periódico traz um ideal transformador para este grupo de mulheres, que estando no sertão, no interior do país, afastadas logisticamente das discussões e efervescência cultural do Sudeste, proporcionam um movimento emancipatório da mulher por meio da educação e profissionalização. DUARTE (2018) reafirma a importância do resgate dos jornais e revistas silenciados pelo “esquecimento político”

e projeta como esses grupos de mulheres usaram de recursos estratégicos para driblar a censura.

Se no interim das páginas, o leitor desprezioso acredita encontrar apenas receitas e dicas de higiene e moda, se vê em contato com discussões políticas, feministas e de modernização do estado. O discurso engajado vem revestido do perfil de mulher da época: mãe e esposa, mas neste caso não se torna dicotômico, ele se constitui agregador.

### **A crônica e seu discurso emancipatório**

A revista “*A violeta*” (1916-1950) formalizada por meio do Grêmio Literário Júlia Lopes demarca um momento importante para a literatura de autoria feminina mato-grossense, afinal se antes a mulher era objeto de análise da literatura canônica é através da produção feita por mulheres que elas determinarão a construção do “ser mulher” por um novo olhar. Tal como afirma WOOLF (1990) em “Um teto todo seu”, a mulher deixa de ser uma personagem e torna-se sujeito.

TELLES (2004) em “Escritoras, escritas e escrituras” descreve como o final do século XIX e início do XX foi um campo vasto para a criação de jornais e revistas escritos e redigidos por mulheres de classe média que utilizam o espaço de fala para apresentarem desde receitas e dicas de higiene como reivindicações sobre o direito ao voto, a participação na política e no funcionalismo público.

Esse contexto social não se diferencia no periódico “*A violeta*”, afinal, são mulheres na maioria das vezes parte da burguesia e que estão inseridas em um “estatuto de exceção”, são escolarizadas, possuem suprimentos necessários para manter um veículo da imprensa e utilizá-lo como espaço para suas reflexões. A partir disso, essas mulheres, mesmo estando em uma postura de reflexão e busca por equidade frente aos direitos dos homens, se veem em um paradoxo, afinal estão também inseridas na vida pública, são esposas, filhas e mães e essa busca constante por definição de uma identidade também aparecerá na revista.

A crônica percorreu os 34 anos de publicação do periódico e fornece a possibilidade da reflexão de um tema a partir da conversa informal entre a cronista e seus leitores, trazendo em sua constituição um misto de ficção e realidade, assim como referência CANDIDO (1987): um gênero “ao rés do chão”. Ela é a própria definição do jornal, surgiu para servir ao diálogo entre a notícia e a literatura, além de ter em si o hibridismo que o suporte projeta, ela representa a ideia de um jornalismo literário, pois parte do perfil jornalístico para a construção literária (SÒRIA, 2004). Sendo assim, a crônica foi o gênero escolhido neste ensaio para expor a construção do discurso dialético da revista, que promove uma reflexão acerca da condição e escolarização da mulher de forma a possibilitar uma emancipação nas leitoras, entretanto o discurso vem também carregado da condição social das escritoras que necessitavam se manter na sociedade.

Em uma crônica datada de 30 de janeiro de 1924<sup>3</sup>, nº 113, tem-se a seguinte passagem: “Não me atrevo a dizer que a mulher foi pelo homem reduzida à inferioridade

---

<sup>3</sup> Edição disponível na Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

de escrava; porquanto, só onde, houver desigualdade de sentimentos, far-se-há sentir a superioridade deste, a opressão daquela”. Neste trecho a cronista Maria Dimpina, com o pseudônimo de “Arinapi”, aborda a condição da mulher diante do casamento, e busca no desenvolver da argumentação que o trabalho é o mérito que ela deve buscar. Tal afirmação pode ser confirmada por PERROT (1998, p. 9) “a mulher foi criada para a família e para as coisas domésticas. Mãe e dona de casa, esta é a sua vocação, e nesse caso ela é benéfica para a sociedade inteira”.

No decorrer da crônica, a autora propõe: “O erro d’antes é que a moça era preparada para ser mais tarde somente a esposa acariciada e protegida pelo marido”. Neste sentido há um questionamento claro sobre a condição da mulher de se reduzir apenas a função de esposa, que deveria ser mais um perfil das múltiplas possibilidades que ela poderia ter.

A revista investe em um discurso sobre a importância da escolarização e profissionalização da mulher para que esta não fique a mercê da sorte do casamento. Nessa perspectiva, elas enfrentam e debatem a demanda da necessidade de fornecer conhecimento às leitoras e promoverem a emancipação a partir do contato com a revista e a crônica. No trecho: “Em vez, si todas se preparassem para exercer um cargo ou uma profissão que lhes garantisse a independência, esse emprego ou essa profissão mesmos, seriam um escudo aos revezes da sorte e não uma justificativa da deshonra”, é possível observar a importância que a escritora dá a escolarização e didaticamente defende a ideia que ter uma profissão não trará desonra a mulher, mas irá garantir um futuro com ou sem casamento.

A crônica permite o diálogo entre a escritora e as leitoras, fornecendo um cenário de “conversa íntima”, entre amigas, dessa maneira é a partir das entrelinhas que o discurso emancipatório ganha força e promove a luta pelos direitos das mulheres. Tal situação é visível na frase: “Louvo, minhas conterrâneas, essa idéia que tendes; mas para bemdizer a é necessário vos dar, com toda a sinceridade, um conselho: prepara-vos! A mulher, repito com Mme. Remember, deve trabalhar; e, só sahirá da sua inferioridade pelo trabalho e só trabalhará si for preparada”.

A crônica publicada em 25 de julho de 1925, nº 126, assinada por “Arinapi” pseudônimo de Maria Dimpina, traz uma temática interessante às leitoras do sertão mato-grossense, um comentário a partir da palestra de Bertha Lutz sobre a cultura feminina no Brasil em um Congresso em Washington. A temática nos mobiliza, pois demonstra o quanto a revista estava atualizada sobre os acontecimentos relacionados aos direitos das mulheres no Brasil e no Mundo. O texto demonstra o intercâmbio cultural que a revista tinha com outras revistas e jornais no Brasil, fato bem atípico se pensarmos nas possibilidades logísticas do início do século XX no Brasil e no Mato Grosso. Esse esforço coletivo de trazer conteúdo atualizado e de qualidade reforça o objetivo da revista em emancipar as mulheres e ter a imprensa feminina como o espaço inaugural para a escrita feita por mulheres que se desdobrará na contemporaneidade na produção de autoria feminina.

Bertha Lutz (1894 – 1976) foi ativista feminista, bióloga e política brasileira, seu discurso ecoará por diversas vezes na *Violeta* e será sempre contextualizado a partir da realidade das escritoras e do público leitor. Na crônica referida anteriormente, Maria Dimpina afirma: “O facto de Bertha Lutz haver brilhado no Congresso de Washington

nos orgulha, nos contenta, nos estimula”. Há na revista um ideal de coletividade que será demarcado por diversas vezes, neste caso, o sucesso de Bertha Lutz inspira também as redatoras e leitoras para as possibilidades que uma mulher pode conquistar se assim quiser e se tiver subsídios para alcançar.

No mesmo texto, a cronista propõe um chamamento às leitoras e revela uma perspectiva que estará presente em toda a revista: um discurso ambivalente. No trecho: “Cultivae, tanto quanto puderdes a vossa inteligência que nada tendes a perder, que tudo tendes a ganhar, que o destino vos chame como a Bertha Lutz para representar a vossa cara Patria, quer sob aquelle tecto, que for o vosso tecto, tenhaes necessidade de ser a mestra dos vossos filhos”.

Se de um lado “Arinapi” provoca as leitoras para serem tão brilhantes e significativas quanto foi Bertha Lutz, ela também as coloca na possibilidade de serem “mestra dos filhos”. Uma perspectiva muito presente nos textos de autoria feminina no final do século XIX e início do século XX, logo que as mulheres que escrevem estão simultaneamente vivenciando na prática a reflexão continua ao patriarcado, mas também estão inseridas na vida pública. De modo geral, o discurso ambivalente pode ser interpretado pelos críticos como uma contradição da cronista, no entanto, ele sobressai quando se transfigura em uma estratégia de permanência da revista.

Em uma passagem na mesma crônica, a escritora questiona a posição do marido em buscar uma esposa sem “cultivo intelectual”: “si alguns sentem-se tão satisfeitos pelo cultivo intelectual da sua companheira, outros se orgulham de ter em mãos, presa, uma verdadeira boneca, que não sabe dizer sim ou não senão pelos lábios dirigentes do esposo”. É visível que a revista promove um discurso tanto para as leitoras como para os leitores. Mobilizando-os por meio da necessidade de escolarização e profissionalização das mulheres, sendo assim ela desenvolve um discurso emancipatório para as leitoras e nas entrelinhas, apresenta aos críticos e à imprensa masculina um jornalismo literário que tematiza sobre diversos aspectos da vida cotidiana, de conselhos a questões políticas.

### **Considerações finais**

*A violeta* (1916 – 1950), revista mato-grossense dirigida e editada por mulheres, demonstra a importância da revisitação de obras de autoria feminina para compreensão do cenário literário no estado. Apresenta-se com uma obra de qualidade, permanência e linearidade de conteúdos que não são encontrados com facilidade no meio literário e jornalístico, mas mesmo assim se mantém sob o véu de um “esquecimento político”. Dessa maneira, a análise e discussão dos textos são de grande valia para tornar público o periódico e promover a entrada na academia. Como afirma XAVIER (1999, p. 21): “porque, para além do cânone, há muito mais do que supõe nosso relativo conhecimento. E para compreender a literatura produzida à margem, é necessário buscar os meios alternativos de publicação, pois são eles que serviram de experimentação literária para as mulheres e de ponte para sua entrada nas letras.

## Bibliografia

- DUARTE, Constância Lima. A história possível: imprensa e emancipação da mulher no Brasil no século XIX. **Escritos militantes**. Miscelânea, Assis, v. 24, p. 11-26, jul.-dez. 2018.
- \_\_\_\_\_. Feminismo e literatura no Brasil. **Estud. av.**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 151- 172, Dec. 2003. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142003000300010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300010&lng=en&nrm=iso)>. access on 25 Nov. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142003000300010>.
- CANDIDO, Antonio. “A vida ao rés-do-chão” (Prefácio). In ANDRADE, Carlos Drummond de et al. **Para gostar de ler, Vol. 5 – Crônicas**. Ática, São Paulo, 1987.
- MUZART, Zahidé Lupinacci. Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 225-233, jun. 2003. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2003000100013&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2003000100013&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 19 set. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2003000100013>.
- PERROT, Michelle. **Mulheres Públicas**. Tradução: Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Fundação Editorial da UNESP, 1998.
- SÒRIA, Enric. O jornalismo literário – ou a imprensa veículo da literatura moderna. In: **Revista Caleidoscópio**. Lisboa-Portugal, V. 5/6, 2004.
- TELLES, Norma. Escritoras, escritas e escrituras. In: **História das mulheres no Brasil / Mary Del Priore (org.); Carla Bassanezi (coord. de textos)**. 7. ed. – São Paulo : Contexto, 2004.
- XAVIER, Elodia. Para além do cânone. In: **Literatura e feminismo: propostas teóricas e reflexões críticas**. Cristina Ramalho (Org). Rio de Janeiro, Elo, 1999.
- WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. São Paulo, Círculo do Livro, 1990.
- <https://casabara.com.br/intensivismo/revistas>
- <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=207110&pesq=&pagfis=1>